

Participe da EXPOINTER 2010 – Esteio/RS

Inscrições até 28 de Junho

Promoção: ABCOS – Associação Bras. de Criadores de Ovinos Suffolk

Matérias**Como está e para onde vai o Santa Inês**

Autor: Entrevista com Arnaldo Dantas - 12/05/2010

Dê sua nota para esta matéria:



0 votos até o momento.

A raça vai chegar à posição de exigir, cada vez mais, parâmetros científicos e isso pode causar tremores, aqui e acolá, mas a ciência não tem porteiros, podendo ser praticada em cada curral e só assim o Brasil conquistará o seu espaço internacional na produção de carne.

Berro - Para quais regiões o Santa Inês mais tem vendido?**AD** - A raça Santa Inês tem sido comercializada em todo território brasileiro e alguns países da América Latina. Por ser uma raça tropical a grande parte das comercializações é feita em regiões tropicais e subtropicais, mas tem havido já algumas vendas para áreas temperadas.**Berro** - Quais são as características mais elogiadas no Santa Inês?**AD** - Eu diria que a raça Santa Inês tem se destacado pela sua tropicalidade aliada à sua produtividade dentro dos trópicos. Esta é sua grande característica.**Berro** - Qual contribuição o Santa Inês tem dado no clima frio, principalmente RS?**AD** - A Santa Inês é uma raça tropical em relação aos climas frios, especialmente o Rio Grande do Sul. Tem sido utilizada, sim, para proporcionar alguma heterose com as raças lanadas, voltadas para a carne. Essa possibilidade dentro da área tem sido utilizada principalmente com finalidade de quebrar a estacionalidade reprodutiva. Ou seja, o Santa Inês garante mais crias, encurtando os ciclos de desfrute. Por isso será sempre muito utilizado em todo país.**Berro** - Por que a raça deve ser utilizada no Sudeste ou Centro-Oeste?**AD** - As regiões Sudeste e Centro-Oeste são regiões que estão dentro da área tropical e subtropical. Exigem, portanto, um material genético tropical, como é o caso do Santa Inês. E a raça tem superado as suas similares tropicais, como é o caso da Morada-Nova e da Rabo-Largo, pois aproveita melhor a disponibilidade de forrageiras, existentes nessas regiões. As ovelhas nativas nordestinas são de menor porte e se adaptam e aproveitam muito bem as forragens dos ambientes de restrição alimentar como é caso do semiárido nordestino. Já o Santa Inês supera todas as raças nordestinas, quando colocado em ambientes tropicais com maior disponibilidade de forragem.**Berro** - Diante dos cruzamentos de carne, cheios de modernidades, que se pregam no Sudeste, a raça terá como manter uma parte do mercado? Ou será apenas parte genética para formação de um produto cruzado?**AD** - A área de cruzamento é uma das mais complexas no processo de produção de carne. Na ovinocultura tropical, nós ainda não temos trabalhos e pesquisas que nos orientem com certeza, com números, mostrando qual o melhor caminho. O cruzamento precisa atentar para três aspectos: o da heterose, o da complementaridade e também o da perpetuidade. A heterose e complementaridade garantem o animal, hoje, mas a perpetuidade garante o animal do futuro, após a primeira geração. Isso, todavia, no que diz respeito à ovinocultura tropical, ainda está muito sem embasamento científico. Têm sido feitos alguns experimentos, mas ainda não há uma conclusão, um caminho seguro a ser apontado. Evidentemente que a raça Santa Inês participa deste processo, como uma raça materna, como raça nativa, mas ainda não há um delineamento dessa questão na profundidade que ela exige. Podem haver vários caminhos, alternativas, usos, para a raça Santa Inês, no futuro.**O Santa Inês é a legítima Linhagem Materna nos cruzamentos e deve ser selecionado nessa direção.****Berro** - Quais os melhores cruzamentos para carne com o Santa Inês?**AD** - Alguns dados preliminares apontam que o cruzamento do Santa Inês com o Poll Dorset, especialmente linhagens de alta prolificidade são bastante eficientes para a produção de fêmeas F1. Com prolificidade mais elevada que o Santa Inês, onde a prolificidade é baixa e com a grande habilidade materna e sem nenhuma estacionalidade reprodutiva. O que é muito importante para uma fêmea F1. Sendo cruzamentos terminais, o Texel, o Ile-de-France e o Hampshire Down têm sido utilizados com bastante sucesso com Santa Inês. Assim, o Santa Inês vai se provando como bom para qualquer cruzamento, havendo peculiaridades a serem observadas em cada estágio dos cruzamentos, com cada raça. A produção de carne permite e até sugere a formação de compostos terminais, para desfrutar as vantagens da heterose ao máximo.**Em confinamentos tropicais, impera o sangue da raça.****Berro** - Quanto tempo será necessário para chegar a FIVs eficientes, tomografia computadorizada, programas sofisticados de manejo e gerenciamento na produção de carne ovina no Brasil?**AD** - Estas tecnologias de reprodução: FIV, tomografia computadorizada para avaliação de carcaça, programas de manejo e de gerenciamento, são coisas que chegam com o tempo. Não há como estimar quando tudo isto será realidade, no momento. A cadeia produtiva, no entanto, tem evoluído com rapidez razoável. Já temos a TE em rebanhos de elite, a ultrassonografia que é um passo inicial para a tomografia, já vem sendo utilizada nas avaliações genéticas. Então a evolução dessas ferramentas de manejo de avaliação serão uma questão natural. Não é possível precisar o tempo necessário, mas com certeza será para logo. O gado gastou 50 anos enquanto os ovinos gastaram apenas 15. Na tecnologia de ponta, acho que o gado gastou 20 e os ovinos vão gastar entre 5 a 10, no máximo.**Berro** - Qual a iniciativa mais gratificante, em termos de instalação, em seu rebanho?**AD** - Para quem faz melhoramento genético, as instalações têm que ser as mais simples possíveis. Devem ficar o mais próximo daquilo em que os animais serão utilizados no momento em que forem transferidos para o rebanho comercial. Não adianta criar instalações que modifiquem muito o ambiente, sofisticando-o. As instalações têm que ter simplicidade e o que há de mais próximo do rebanho comercial. Os animais não podem sentir prejuízo ao passar do rebanho de elite para o rebanho comercial, do usuário.**Berro** - E em termos de sanidade?**AD** - Eu diria que precisamos que seja implantado algo como um Programa Nacional de Sanidade Ovína. O Brasil precisa ter um status sanitário de ovinos compatível com os demais países. Porque precisa exportar material genético e tem condições para produzir e exportar. Para isso precisa de um padrão sanitário de nível internacional.**Berro** - Com a chegada de frigoríficos em várias regiões, a raça deveria lutar por mais espaços?**AD** - O Santa Inês tem sido a base de produção dos animais para abate em todo o Brasil tropical e subtropical. A raça só vai manter essa posição, ou até mesmo crescer se aplicar programas de melhoramento genético, para que ela se torne mais produtiva, diante das outras raças que estão aí disponíveis. Tem que ser mais útil e produtiva em termos de kg de carne para o consumidor. Há fortes empresários nas raças exóticas e o Santa Inês não pode ficar esperando um milagre, tem que ir à luta, aplicando também as mesmas tecnologias que as demais raças. O sol brilha para todos, mas principalmente para as raças tropicais, como a Santa Inês.**Berro** - Qual seria a principal sugestão para aceleração da raça no cenário nacional?**AD** - A raça Santa Inês já é uma raça com maior presença no mercado nacional, sendo a grande base genética do rebanho tropical. Eu creio que esse aspecto deve manter-se nos próximos anos. Não existe nenhuma indicação de que o patrimônio genético do Santa Inês seja substituído pelo de outras raças. Ou seja, não há nenhuma raça que faça o papel da Santa Inês. Então, não há nenhuma indicação de substituição, mas evidentemente ela precisa acompanhar e fazer o seu melhoramento genético, voltado e focado nas necessidades do consumidor final. E que ela seja, cada vez mais útil para a produção de carne de qualidade e barata.**Berro** - Quais são as principais vitórias da raça Santa Inês no último ano, fora de exposições?**AD** - Foi a raça Santa Inês que iniciou um programa de avaliação genética com DEPs no Brasil. O Sumário é um produto do processo de avaliação genética que foi desenhado para propiciar mais objetividade e eficiência no melhoramento genético, no caso da raça Santa Inês. Era uma ferramenta que estava faltando à raça. O Sumário prova reprodutores de DEP, das porteiras, com segurança, os quais podem ter um bom valor agregado pela DEP, no mercado usuário.

Fora das exposições talvez seja um dos fatos mais marcantes, no que diz respeito ao melhoramento genético. Temos um programa que avalia geneticamente os animais alocando a espécie ovina em igualdade com a bovinocultura, a suinocultura e a avicultura; no que diz respeito a seus métodos de melhoramento. Mais recentemente, também na raça Santa Inês estão sendo pesquisados alguns marcadores moleculares, isso é um ganho bastante grande da raça, porque uma vez que seja identificado um ou muitos marcadores moleculares na raça Santa Inês; nós teremos uma aceleração no ganho genético dos animais.

Berro - E as vitórias importantes em exposições?**AD** - As exposições do Santa Inês têm sido bastante significativas. O piso médio nas exposições tem crescido substancialmente nos últimos 10 anos. Apesar de a exposição ser um evento bastante útil para os criadores compararem e fazerem sua comercialização, elas têm suas limitações ao apontar caminhos e melhoramento genético, mas, mesmo com essa restrição, o avanço nas exposições tem sido significativo. Sempre existirão exposições, mas também irão surgindo ferramentas que garantam o melhoramento genético cada vez mais. Estas ferramentas produzirão animais que, sempre, estarão sendo levados também para as pistas de julgamento, para fazer o marketing da raça. Este casamento é normal em todos os países.**Berro** - O que dizer da velocidade da pecuária ovina no Brasil?**AD** - O crescimento da ovinocultura no Brasil está diretamente ligado ao crescimento do consumo per capita de carne. Não se pode pensar em crescer a pecuária sem crescer o consumo per capita. O Brasil importa em torno de 15% do seu consumo. Ou seja, há também esse espaço de crescimento independente do consumo per capita, mas é um espaço pequeno.

Já no mercado internacional temos dificuldades. Primeiro, não temos tradição. Não temos sequer produção, ainda, mas a maior dificuldade não é a falha na produção nem na tradição, mas sim, não termos eficiência de produção. A tecnologia de produção de carne ovina, sobretudo a produção industrial, ainda é menos eficiente do que a tecnologia de produção de carne ovina no clima temperado. Consequentemente seus custos são mais altos e a sua qualidade é menor. E aí precisamos caminhar no sentido de superar essas deficiências. Fizemos isso no bovino, na avicultura e também no suíno. Não tem porque não fazer com o ovino também.

Berro - O que dizer da Feinco?**AD** - A Feinco, desde a sua segunda edição, já é o principal evento do setor no Brasil, superando as exposições tradicionais em termos de número de animais expostos, participação de público e de visibilidade. É um evento realmente marcante, feito no local que determina a economia brasileira; ou seja, em São Paulo. A Feinco veio somar - e muito! - ao setor. O Santa Inês enxerga com bons olhos esta formidável exposição, do Brasil para o mundo.

Arnaldo Dantas - especialista em ovinocultura, mentor e curador do Sumário da Raça Santa Inês, em Sergipe.